



Universidade  
Estadual de  
Londrina

---

SUZIANE APARECIDA DA CONCEIÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO DO SURDO:  
EM LIBRAS OU EM PORTUGUÊS**

---

LONDRINA  
2009

SUZIANE APARECIDA DA CONCEIÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO DO SURDO:  
EM LIBRAS OU EM PORTUGUÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

Orientador(a): Profa DraCleide Vitor Mussini  
Batista.

LONDRINA  
2009

SUZIANE APARECIDA DA CONCEIÇÃO

**ALFABETIZAÇÃO DO SURDO:  
EM LIBRAS OU EM PORTUGUÊS**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Pedagogia da  
Universidade Estadual de Londrina.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Profa Dra Cleide Vitor Mussini Batista  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa Ms Heloisa Toshie Irie Saito  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa Ms. Andréia Maria Cavaminami Lugle  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa Ms. Cristina Nogueira de Mendonça  
Universidade Estadual de Londrina

Londrina, 12 de novembro de 2009.

## **DEDICATÓRIA**

Para minha amiga Sandra que, nunca desistiu de lutar pelo bem-estar de seu filho surdo, despertando em mim o interesse de buscar mais sobre surdez. Para meu esposo Paulo e meu filho Matheus, que sempre estão ao meu lado. Para meus pais Ormam (in memoriam) e Enaura, que, fizeram de tudo para que eu pudesse estudar. Para minha sogra que, cuidou do meu filho para concluir o presente trabalho. Para minha irmã Suellen que me ajudou muito. E por fim para o meu melhor amigo e a Virgem Maria que, me deu forças para não desistir e concluir o meu sonho.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço o professor José Carlos de Oliveira (também surdo) por ser a pessoa que contribuiu para minhas reflexões sobre a alfabetização dos surdos.

Agradeço a Sandra Perotti que me fez buscar o conhecimento sobre a deficiência auditiva e passar a ver o surdo com outros olhos.

Agradeço aos professores do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Londrina em especial minha orientadora, que me ofereceram uma bagagem de conhecimentos que utilizei nesta produção.

Agradeço você leitor e espero que os apontamentos sobre LIBRAS, família e educação dos surdos, neste material seja para você algo que incomoda e instiga a buscar mais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1.</b> Sala de aula .....	37
<b>Figura 2.</b> Biblioteca.....	39

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Algumas Controvérsias nas Opiniões sobre a Surdez .....	23
<b>Tabela 2.</b> Recomendações para escolher um programa de reabilitação .....	27
<b>Tabela 3.</b> Estratégias de ensino mediadoras para o processo de ensino de alunos surdos incluídos em turma comum .....	30
<b>Tabela 4.</b> Estratégias de ensino mediadoras para o processo de ensino quanto a interação entre alunos.....	30
<b>Tabela 5.</b> Sugestões específicas para o envolvimento na cultura surda.....	33
<b>Tabela 6.</b> Ajudas técnicas.....	33

CONCEIÇÃO, Suziane Aparecida da. **Alfabetização do Surdo**: em libras ou em português. 2009. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2009.

## RESUMO

Com o objetivo de conhecer a alfabetização do aluno surdo, o presente trabalho demonstra um pouco sobre a pessoa do surdo, sua família e as propostas educacionais direcionadas para esse aluno. Temos como objetivo, então, estudar aprofundado sobre a Língua de Sinais e o seu papel na prática pedagógica, relacionando com conteúdos necessários para o conhecimento desse idioma que não faz uso de sons, mas das mãos. Bem como, conhecer o conceito e a relevância da Língua de Sinais e questões relacionadas à criança surda na escola; compreender como acontece a inclusão do aluno surdo no contexto social e cultural; selecionar referências teóricas que auxiliem na busca da construção de aprendizagens significativas sobre LIBRAS e da inclusão do surdo; analisar diferentes experiências sobre os que são a favor e contra o uso de libras na prática pedagógica e propor a pesquisa como instrumento de um título que desperte o interesse de outros acadêmicos na área da educação a procurar se interar de que a pessoa surda também é um ser humano como outro, porém tem algumas limitações. Os dados constituíram-se de leituras e coletas de entrevistas de profissionais e família ligados com a surdez. A interpretação dos dados fundamentou-se em análise, com o intuito de responder se a alfabetização do aluno surdo deve ser em LIBRAS ou em português. Correlacionado a isto conclui-se que a LIBRAS é fundamental para o aluno surdo adquirir a escrita do português, conseqüentemente sua inclusão no ensino regular.

**Palavras-chave:** Surdo. Família. LIBRAS. Português. Inclusão.



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
OBJETIVOS.....	12
ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	13
CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	14
<b>CAPITULO 1</b> .....	16
1 SURDEZ .....	16
1.1 A vida do surdo .....	16
1.2 Família .....	24
<b>CAPITULO 2</b> .....	28
2 A EDUCAÇÃO D SURDO.....	28
2.1 O processo de ensino .....	28
2.2 O Instituto Londrinense de Educação de Surdos.....	35
<b>CAPITULO 3</b> .....	42
3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS .....	42
3.1 Relatos .....	42
3.2 Entrevistas .....	44
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	47
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	49
<b>ANEXOS</b> .....	50
<b>ANEXO A</b> .....	50
<b>APÊNDICE</b> .....	51
<b>APÊNDICE A</b> .....	51

## INTRODUÇÃO

Os surdos são indivíduos colocados às margens de nossa sociedade. Neste contexto os focos de atenção são colocados na pessoa do surdo, sua família e sua educação, a fim de discutir se a alfabetização deve ser em LIBRAS ou em português.

Caracterizamos surdez como:

Deficiência auditiva, caracterizada na diminuição da capacidade de percepção normal dos sons, sendo considerado surdo o indivíduo cuja audição não é funcional na vida comum, e parcialmente surdo, aquele cuja audição, ainda que deficiente, é funcional com ou sem prótese auditiva (GLAT, 2007, pp.98-99).

É sabido da importância da inclusão do aluno surdo na educação regular e conseqüentemente um desafio para as instituições de ensino.

A inclusão do aluno com surdez deve acontecer desde a educação infantil até a educação superior, garantindo-lhe, desde cedo, utilizar os recursos de que necessita para superar as barreiras no processo educacional e usufruir seus direitos escolares, exercendo sua cidadania, de acordo com os princípios constitucionais do nosso país (SILVA, 2007, p.14).

A complexidade da educação dos sujeitos surdos tem chamado a atenção dos educadores, já que os surdos, por sua perda auditiva, têm dificuldades de acesso à linguagem oral e escrita (Góes,1994), fato que interfere enormemente em sua socialização e em seu desenvolvimento geral. Por este motivo, embora as propostas educacionais tenham como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades, as diferentes práticas pedagógicas têm lhes determinado uma série de limitações, levando-os, ao final da escolarização fundamental (que não é alcançada por muitos), a não serem capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou de terem um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos.

Na década de 1980, iniciou-se um movimento que buscou soluções para esta realidade, por meio da incorporação das línguas de sinais das comunidades surdas às práticas educacionais - educação bilíngüe. Esta proposta educacional preconiza que o surdo deva ser exposto o mais precocemente possível à língua de sinais, identificada como a língua passível de ser desenvolvida por ele sem que sejam necessárias condições especiais de "aprendizagem" e, posteriormente, que lhe seja ensinada a língua da comunidade ouvinte na qual está inserido, tomando como base, para esta aprendizagem, os conhecimentos adquiridos em língua de sinais. A implantação desta prática exige formação de profissionais fluentes em língua de sinais, conhecedores das práticas de ensino de segunda língua.

Atualmente, a inserção do aluno surdo no ensino regular é uma das diretrizes fundamentais da política de inclusão. Entretanto, o desempenho acadêmico e social de crianças surdas só podem ser alcançados se no espaço escolar forem contempladas suas condições lingüística e cultural especiais e, portanto, se a língua de sinais fizer-se presente; para tal torna-se necessário a inserção de intérpretes de língua brasileira de sinais (LIBRAS) e de educadores surdos, para a divulgação dos conteúdos escolares em LIBRAS (intérpretes) e para o desenvolvimento/aprendizagem da LIBRAS (educadores surdos) pelas crianças e profissionais da escola.

Assim, nos indagamos: alfabetização do surdo primeiro em LIBRAS ou em português, partindo da realidade vivida por uma mãe de criança surda que convive com essa dúvida.

Propusemos, então, a ter como exemplo um aluno surdo do ensino primário e um adulto cursando o ensino superior. De fato entendemos o pano de fundo da vida de uma pessoa surda é de opressão social e cultural, pois a sociedade precisa aceitar a surdez como uma diferença e não como uma perda a ser corrigida.

Assumimos que este tema traz muitas opiniões divergentes, sendo assim o alvo deste trabalho é despertar o interesse dos profissionais da educação

para buscar mais conhecimento sobre a alfabetização do surdo, pois ele tem o direito ao ensino, mas infelizmente são poucos capacitados para lidar com crianças portadoras de deficiência auditiva.

O tema reveste-se de importância fundamental nos dias atuais, porque a partir desta questão, ou melhor, a decisão por LIBRAS ou o português é crucial para o êxito da cidadania e talvez a minimização da exclusão social.

Neste trabalho, utilizamos depoimentos de pessoas envolvidas com a educação de surdos e relatos de família com filho surdo, em certo sentido é algo real que engrandece mais as páginas desta produção.

Há a expectativa de que esta produção, além de contribuir para a conclusão do curso de graduação, amplie a compreensão dos leitores sobre o mundo do surdo, também possibilite o fortalecimento de que é possível sim a inclusão do surdo no ensino regular, desde que a instituição tenha respaldo para que realmente se concretize a alfabetização.

Enfatizamos que este trabalho seja uma espécie de chamada de atenção da necessidade da formação contínua dos professores do ensino regular para atuarem com a diversidade.

## **OBJETIVOS**

### **Gerais**

- Estudar aprofundado sobre a Língua de Sinais e o seu papel na prática pedagógica, relacionando com conteúdos necessários para o conhecimento desse idioma que não faz uso de sons, mas das mãos.

## **Específicos**

- Conhecer o conceito e a relevância da Língua de Sinais e questões relacionadas à criança surda na escola.
- Compreender como acontece a inclusão do aluno surdo no contexto social e cultural.
- Selecionar referências teóricas que auxiliem na busca da construção de aprendizagens significativas sobre LIBRAS e da inclusão do surdo.
- Analisar diferentes experiências sobre os que são a favor e contra o uso de libras na prática pedagógica.
- Propor a pesquisa como instrumento de um título que desperte o interesse de outros acadêmicos na área da educação a procurar se interar de que a pessoa surda também é um ser humano como outro, porém tem algumas limitações.

## **ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO**

Ao realizar este trabalho, verificamos que ele nos instigou a querer aprender mais sobre qual a melhor forma de ensinar crianças surdas, a ver o surdo com outros olhos e que é possível sua inserção no mundo econômico, social, cultural e político.

Este trabalho não é fruto de uma pessoa surda, mas de alguém que se interessa por adquirir conhecimentos a esse respeito, para no futuro adquirir habilidades para poder alfabetizar alunos com deficiência auditiva. Desta forma, abordamos a temática em três capítulos.

No Capítulo 1, discutimos o que é surdez, a pessoa do surdo, sua família e um pouco sobre a legislação.

Relatamos, no Capítulo 2, uma visita ao Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES).

No Capítulo 3, discutimos e analisamos os dados sobre questões respondidas por pessoas que estão ligadas diretamente com a deficiência auditiva.

Apresentamos, por último, os resultados obtidos e as Considerações Finais a que chegamos a respeito da alfabetização do surdo e se esta deve ser em LIBRAS ou em português. Encerramos, então, ressaltando a importância da LIBRAS na prática pedagógica.

## **CONTEXTUALIZAÇÃO METODOLÓGICA**

### **LOCAL**

O presente trabalho foi desenvolvido no Instituto Londrinense de Educação para Surdos (ILES) e no Centro de Reabilitação de Fissura lábio palatal (CEFIL).

### **SUJEITOS**

Os sujeitos da pesquisa foram quatro pessoas, sendo estas três do sexo feminino e um do sexo masculino. Dentre estes sujeitos, temos: uma mãe de uma criança surda; uma psicóloga e uma fonoaudióloga que trabalham CEFIL e um professor de escola pública estadual.

## **INSTRUMENTOS**

A presente pesquisa foi realizada através de entrevista semi-estruturada (ANEXO A) e, ainda, visita ao Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES).

## **PROCEDIMENTOS**

Utilizamos: leitura das referências bibliográficas, discussões realizadas no curso de LIBRAS (Curso de Língua de Sinais-Libras da Pastoral dos Surdos da Arquidiocese de Londrina realizado no Centro Arquidiocesano de Pastoral Jesus Bom Pastor), entrevistas com os profissionais (professores, psicólogos e fonoaudiólogos) visita ao Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES) com a finalidade de atingir os objetivos já definidos.

Um estudo sistemático, que no presente momento tudo está sendo novo, porém nos instiga a buscar novas fontes e a perceber que o caminho a ser percorrido para esta investigação vai ser difícil, pelo fato que não é algo conclusivo e está muito em discussão. Pois será um desafio que certamente ao final será gratificante, aprender um pouco sobre uma segunda língua.

# 1 SURDEZ

## 1.1 A vida do surdo

A surdez é algo invisível, não se percebe a importância da audição enquanto a temos, porém quando vem a faltar a nós ou a alguém de nossa família, percebemos como esse sentido é um bem de grande valor, pois através dele o ser humano é inserido no mundo e se comunica com o outro.

Para identificar o surdo é necessário que ele esteja usando um aparelho de audição visível, usando a LIBRAS ou o alfabeto manual para se comunicar. A audição é importante para o desenvolvimento da fala, da linguagem, da socialização e de outras formas de comportamento.

Sendo assim como o surdo se comunica especificamente aqui no Brasil? Por meio da Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) que é uma língua usada pelas pessoas surdas no Brasil, ela não pode ser estudada através de gramática de português, pois ela possui uma gramática própria e tem suas variações regionais.

A Língua Brasileira de Sinais utiliza o alfabeto manual, expressões córporo-faciais e gestos codificados. Obteve o reconhecimento do governo brasileiro pela Lei 10.436/2002.

Às vezes dizemos que a LIBRAS é a língua natural dos surdos, isso não quer dizer que todos os surdos aprendem a língua de sinais automaticamente. O período da primeira infância é propício para a aquisição da mesma, porque é nesse momento que a criança faz a aquisição da linguagem.



Ser diferente é ruim, surge então à necessidade de unir a alguém que também é tido como diferente na sociedade, mas é igual a você, ou seja, se tem características semelhantes a sua dificuldade.

No Brasil há pessoas surdas em todos os estados e muitas dessas pessoas vêm se organizando e formando associações que são denominadas comunidades surdas brasileiras. O desempenho social dessas pessoas depende de vários fatores:

Da idade na qual ficaram surdos, se tiveram os benefícios de uma boa comunicação bipolar bem cedo em seus lares, do grau da sua perda auditiva, das oportunidades de escolarização, de sua inteligência natural e de sua personalidade individual (BOESE, CARBIN, FREEMAN 1999, pp.37).

Os surdos que freqüentam essas comunidades assumem uma cultura própria. A comunidade surda não é um lugar onde pessoas deficientes auditivas se encontram, mas é um ponto de articulação política e social, no sentido de lutar pelos seus direitos lingüísticos e de cidadania.

Se uma criança puder aprender a língua de sinais da sua comunidade surda, ela terá facilidade em aprender a língua oral-auditiva da comunidade ouvinte, ou seja, no aprendizado que não pode ouvir os sons que emite, a criança trará internalizado o funcionamento e as estruturas lingüísticas de uma língua de sinais, a qual pode receber em seu processo de aprendizagem uma resposta que serviu de reforço para adquirir uma língua por um processo natural e espontâneo.

Essa língua tem como base cinco parâmetros:

1. Configuração da mão: utiliza o alfabeto manual ou possíveis movimentos feitos com a mão predominante.

2. Ponto de articulação: local em que se faz o sinal, podendo tocar em alguma parte do corpo ou estar em um espaço neutro.
3. Movimento: podem possuir movimento ou não.
4. Direcionalidade: os sinais têm uma direção com relação aos parâmetros acima.
5. Expressões faciais e corporais: são de grande importância para o entendimento real do sinal.

Com o objetivo de prover o aluno surdo, várias abordagens comunicativas de ensino tem sido propostas além da LIBRAS sendo elas: oralistas, gestuais, comunicação total e a mais recente denominada bilingüismo. Para uma compreensão melhor essas formas de ensino tem os seguintes significados:

Oralistas: faz uso da fala e leitura labial.

Gestuais: criado por Abade Charles M. de L'Epeé (um sacerdote francês, que fundou um asilo para surdos-mudos em Paris) consiste em sinais criados por ele combinado com gestos dos surdos.

Comunicação Total: utiliza todos os recursos, ou seja, oral ou visual, a fala, leitura labial, leitura escrita, linguagem de sinais e a soletração manual simultaneamente. Sendo assim o importante é a comunicação e não a língua, pois a comunicação total não é um método, mas uma forma de viver.

A deficiência não é uma doença e, portanto, não se trata de curá-la. A deficiência é uma condição com a qual o indivíduo deve aprender a conviver. Na verdade, a reabilitação busca auxiliar a pessoa a encontrar outras formas de lidar com os problemas, diante das características da deficiência e do que cada pessoa deseja para sua vida (PAULA, 2007, p.21).

Sendo assim o surdo deverá escolher qual abordagem comunicativa de ensino é melhor para conviver na sociedade, por que além da LIBRAS tem outras, curar a surdez é impossível, mas se tem alternativas para amenizar a exclusão social.

A imperfeição do surdo se deve a perda auditiva, que através do exame de audiometria se tem um diagnóstico dos diferentes graus de perda auditiva e identifica o tipo que ela se enquadra: surdez leve, surdez moderada, surdez acentuada, surdez severa, surdez profunda e anacusia, conforme Zanata *apud* Glat (2007):

Leve: de 20 a 40 decibéis. “A pessoa não ouve, por exemplo, o tique-taque de um relógio, mas escuta um sussurro”. Moderada: de 41 a 55 decibéis. “A pessoa só consegue escutar os sons mais altos, como o som ambiente de uma sala de aula, e pode apresentar dificuldades, por exemplo para falar ao telefone”. Acentuada: de 56 a 70 decibéis. Severa: de 71 a 90 decibéis. “Para ouvir a pessoa precisa de um som tão alto quanto o barulho de uma impressora rotativa de jornais, que pode chegar até 80 decibéis, esse tipo de perda congênita, pode fazer com que o indivíduo chegue aos 4 ou 5 anos sem falar”. Profunda: acima de 91 decibéis. “Nesse tipo de perda auditiva a pessoa só ouve ruídos como os provocados por uma turbina de avião, disparo de um revólver ou tiro de canhão”. Anacusia: perda total (p. 100).

Identificando o grau de surdez do aluno, o professor:

“Constrói um planejamento educacional, feito para atender cada necessidade específica, pois quanto menor o comprometimento da audição, melhor tenderá a ser a produção da fala e o desenvolvimento da linguagem” (GLAT, 2007, pp.100).

A surdez pode ser adquirida na gestação (pré-natais) durante (perinatal) ou após o nascimento da criança (pós-natais).

Pré-natais: se origina através de fatores genéticos, hereditários e aquisição de rubéola congênita, sífilis, toxoplasmose na gestação e também quando a mãe faz uso de álcool ou drogas, está desnutrida ou tem um quadro de diabetes ou hipertensão e exposição à radiação.

Peri-Natal: é no momento do parto a criança tem falta de oxigenação, ou estrangulamento ocasionado pelo cordão umbilical, adquire uma infecção hospitalar.

Pós-natais: depois do nascimento a criança contraiu doenças infantis, por exemplos meningite, rubéola, caxumba, sarampo, além de exposição freqüente a ruídos e a sons com volume alto e aqui também pode se referir um acidente de trabalho, no trânsito e outras situações que nem imaginamos que podem ocasionar uma surdez.

Hoje após o nascimento no bebê, os pais tem a opção de fazer o teste da orelhinha ou triagem auditiva Neo-natal, que consiste num método mais moderno para o diagnóstico de surdez nos recém-nascidos, esse exame é feito com bebê quieto e dormindo.

Confirmada a perda auditiva, a intervenção fonoaudiológica deve ser iniciada, pois a intervenção precoce proporciona a criança com deficiência auditiva um desenvolvimento de linguagem muito próximo ao da criança ouvinte.

Para se comunicar em LIBRAS não basta saber os sinais, é preciso estudar e conhecer sua gramática para melhor compreensão das frases.

O surdo na sociedade sempre chama a atenção das pessoas ao redor. Eles se afastam dos ouvintes desconhecidos pela falta de compreensão e se interagem entre si e seus familiares por terem a mesma linguagem.

Há grande dificuldade em aceitar a existência da cultura surda é porque a nossa sociedade baseia-se num universalismo segundo o minidicionário Ruth Rocha “opinião que não reconhece outra autoridade, senão o consenso universal, que abrange tudo que tem o caráter de absoluta generalidade”.

Infelizmente essa é a realidade em que vivemos a LIBRAS é um idioma que não usa sons, mas as mãos são essenciais, juntamente com a

expressão facial e corporal. Antes de um ouvinte ignorar o surdo é preciso que ele entenda a linguagem de LIBRAS como a comunicação que fala com o coração nas mãos, pois o acesso a essa comunicação é fundamental na construção da identidade da pessoa surda em todos os seus aspectos, lingüísticos, cognitivos e sociais.

A perda auditiva é um fato, na maioria das vezes é irreversível, portanto é necessário encontrar formas democráticas de conviver com as pessoas surdas.

Para conhecer o surdo não basta aprender o que é LIBRAS ou estudar sua atuação na sociedade, é preciso conviver, estar perto partilhando de suas conquistas nesta sociedade tão preconceituosa, perceber o eu de cada pessoa surda, sendo seu amigo, companheiro, amando como realmente ele é e gostaria de ser amado e aceito na sociedade. Só assim conheceremos a riqueza de um coração surdo, além de vivenciar e experimentar como eles vivem nesse mundo.

E outra, a perda de um sentido não diminui a potencialidade do ser humano, pois ele por meio de outras habilidades/sentidos consegue superar os obstáculos do cotidiano.

Para uma melhor comunicação com o surdo é necessário que a pessoa ouvinte utilize formas de linguagem como gestos, apontações, que a sua expressão facial corresponda com o que quer dizer, ter calma caso o surdo esteja de costa não gritar, apenas toque-o delicadamente e procure falar sempre de frente para ele.

Ser surdo não é melhor ou pior do que ser uma pessoa ouvinte é apenas ser diferente, para conviver com ele o ouvinte precisa aceitar a sua língua, sua forma de comunicação e como se entrosa com o mundo.

É difícil saber como é ser surdo uma pessoa que nunca foi, as pessoas ouvintes estão em desvantagem quando tentam entender como é ser

surdo, pois eles pensam visualmente e são muito observadores. Para as crianças surdas aprender a língua de sinais não é mais complicado que para as crianças ouvintes aprender a falar o português. Quando a LIBRAS, usada constantemente, as habilidades lingüísticas se desenvolvem na mesma medida que a fala das crianças ouvintes.

Não é fácil entrar no mundo em que o surdo vive como também não é fácil para o surdo entrar em nosso mundo de ouvintes. São dois extremos, ou melhor, dois países completamente diferentes, com suas peculiaridades, cada um com a sua linguagem, o ruim é saber que surdo e ouvinte vive no mesmo mundo, mas infelizmente nem todos pensam assim.

Surdo e ouvinte para que um não seja estrangeiro no mundo do outro, já que existe esta divisão, é necessário que se aceitem mutuamente, se respeitem como seres humanos e acima de tudo aceitem as diferenças e juntos lutem para acabarem com esta divisão de “mundos”.

Algumas pessoas acreditam que a LIBRAS é limitada e expressa apenas informações concretas, mas não, essa língua é capaz de transmitir idéias abstratas como emoção, sentimentos e dor, através das expressões faciais do surdo.

Se pararmos para uma reflexão, vivemos numa sociedade onde todos são diferentes, se tem algumas semelhanças sim, mas o que sobressai são as diferenças e limitações, sendo assim é necessário aceitarmos a surdez em nossa sociedade como uma diferença e não como uma perda a ser corrigida.

<b>Assunto pesquisado</b>	<b><u>Opiniões dos Oralistas</u></b>	<b><u>Opiniões dos defensores da Comunicação Total</u></b>
<b>Imagem das pessoas surdas</b>	Pessoas deficientes	Uma minoria lingüística
<b>Modelo de sucesso</b>	Uma criança ou um adulto com audição normal	Um surdo bem sucedido
<b>Língua natural de uma pessoa surda</b>	Língua da maioria ouvinte	Língua de sinais ou sistema de sinais
<b>Opinião sobre a língua de Sinais</b>	Frequentemente vista como defeituosa primitiva ou até repulsiva, deve ser evitada.	Valorizada como língua clara, completa, expressiva, bela e legítima
<b>Meios de Comunicação Aceitáveis</b>	Uso dos amplificadores, leitura ora-facial e treinamento auditivo.	Os mesmos, incluído língua de sinais, mímica, alfabeto manual e expressão corporal.
<b>Efeitos da sinalização na fala</b>	Em geral dizem que prejudica o seu desenvolvimento	Nenhum efeito negativo pode até melhorá-la
<b>Papel educacional dos surdos adultos</b>	Nenhum se não forem oralizados	Importantes como professores, modelos, conselheiros e administradores.
<b>Associação com outras pessoas surdas</b>	Nenhum benefício; evitar as que usam sinais.	Necessária para uma vida normal
<b>Integração total na sociedade dos ouvintes</b>	Um objetivo realístico e desejável	Um objetivo difícil ou impossível para maioria; integração parcial é encorajada, mas os resultados da mesma variam.

**Tabela 1.** Algumas Controvérsias nas Opiniões sobre a Surdez.

**Fonte:** Freeman; Carbin; Boese (1999, p. 25).

## 1.2 Família

O que acontece com a família que tem um filho diferente? As diferenças começam em sua própria casa afetam os pais, os parentes e chega à sociedade, onde o preconceito faz sim a diferença.

O primeiro filho é a concretização dos laços sanguíneos entre as famílias dos pais, razão pela qual é grande a expectativa que gira em torno dessa barriga que cresce. Como é possível suportar os intermináveis nove meses de espera para torna-se tio, tia, avô, avó, mãe e pai? É simples: preenchendo as lacunas do tempo da natureza com muita paixão e fantasia, transformando o desconhecido bebê no projeto ideal de pessoa que se gostaria de ter (ou ser) como neto, sobrinho, filho, vizinho... Ilustrativa é a lenda do patinho feio, do conto de Andersen, na qual um ovo de cisne foi chocado junto aos ovos de uma pata. O ovo estranho demorou mais a se partir, saindo lá de dentro um bicho feio e esquisito, diferente do resto da ninhada. Embora a pata-mãe tenha aceitado como legítimo o filho-feio todo galinheiro o rechaçava. O patinho feio foi banido do grupo e humildemente partiu em busca de outras aves que o aceitasse. O tempo passou e o inocente cresceu, transformando-se em um lindo cisne que, finalmente, encontrou os seus iguais. Esta história simboliza o que acontece no reino animal, onde o diferente é rejeitado e visto como uma ameaça à identidade grupal. O patinho feio é hostilizado pelo grupo social, pois não confirma a identidade do mesmo, apesar de ele não ter a mínima idéia da ordem a que pertence. A maternidade é um sorteio genético. Há de estar claro que todos nós, humanos, corremos esse risco ao produzir um outro ser, pois não temos o controle sobre nossos genes. Há, ainda, riscos no parto, sem falar nas doenças intra-uterinas, que podem prejudicar o desenvolvimento normal do embrião. E assim, instaura-se o pânico familiar: onde está aquele bebê tão desejado, objeto das expectativas, das fantasias e dos sonhos de todos? (BARCELLOS, 1999, p.38-39).

Ao receber o diagnóstico que seu filho é surdo, qualquer pai se sentirá desnorteado com a situação, pois o filho idealizado não era esse, uma vez que ninguém espera um filho diferente, ou melhor, com algum tipo de deficiência.

Com a confirmação do diagnóstico os pais são submetidos a passarem por algumas fases: o choque, a reação, a adaptação e orientação.

1. Choque: duas perguntas permeiam seus pensamentos, “e agora?” e “o que fazer?”.



2. Reação: cada família reage de uma forma, mas decepcionados, angustiados e revoltados todos ficam.
3. Adaptação: é a fase de encarar o problema de seu filho de maneira realista e para isso contam com o auxílio de médicos, psicólogos, assistentes sociais, fonoaudiólogos e acabam conhecendo pais que também passam pelo mesmo dilema.
4. Orientação: o choque é amenizado e agora com calma, os pais tem suporte para utilizar os conhecimentos em prol de situações que vão enfrentar.

Além dessas fases a criança pode ter um problema associado a surdez que pode ser uma paralisia cerebral, retardamento mental, deficiência cardíaca ou até comprometimento visual.

Qualquer pai nesta circunstância fica desorientado, seja por problemas correlatos a surdez ou até por pequenas atitudes como, por exemplo, cujo filho usa aparelho auditivo, enfrenta dificuldades, seja na hora de fazer o filho usar de maneira correta ou como manter o aparelho em boas condições.

Geralmente é a mãe que se encarrega das cobranças com os cuidados com o aparelho, visitas aos especialistas, clínicas e educação escolar. Com o nascimento de um filho surdo o orçamento da família pode aumentar (apesar de que um filho ouvinte também se tem despesas) no sentido de custear especialistas, transporte, aparelhos auditivos, baterias para os mesmo, programas de reabilitação especiais e outros.

Cabe aos pais procurarem informações e situações semelhantes as suas que acolham suas dúvidas e medos, permitindo um conforto e segurança para lidar com essa nova fase de sua vida, criar um filho surdo. Essa postura favorece o apoio ao deficiente auditivo evitando desgastes para toda família.

Geralmente os pais se preocupam como o seu filho surdo vai viver no mundo dos ouvintes, esquecendo o valor de seu filho como ser humano capaz sim de viver, porém com limitações.

A dor, tristeza, angústia e tantos sentimentos negativos por se ter um filho surdo continuará no coração dos pais e pelo resto da vida, é algo que jamais conseguiremos eliminar, mas nós educadores habilitados para lidar com esta situação, podemos auxiliar a família a enfrentar o diagnóstico de surdez e mostrar que nem tudo está perdido.

Os pais são essenciais para o desenvolvimento lingüístico, social e emocional de seu filho e se tratando de uma criança surda eles são insubstituíveis, porque juntamente com outros profissionais o êxito do desenvolvimento da criança é certo.

A família que ainda sente dificuldade de aceitar a criança surda necessitará ajuda de outros profissionais especializados, bem como da ajuda em aprender a maneira correta para se comunicar com seu filho.

Diante de um diagnóstico de surdez e conseqüentemente os obstáculos, trabalhos, frustrações, decepções, muitos pais desejariam que o filho nunca tivesse nascido, esse quadro é triste, mas acontece muito, em nossa sociedade. “Muitas são as histórias de pais que escondem seus filhos em casa, por vergonha ou desespero; muitos desconhecem as instituições especializadas ou não, públicas e particulares que podem atender as crianças especiais.” (BRASIL, 1997, p. 112).

Uma vez que a formação do cidadão começa em casa, a família que tem vergonha do filho com algum tipo de deficiência, está ensinando valores, hábitos, pensamentos, costumes e atitudes sobre o mundo completamente de forma que este indivíduo não aprenderá a se relacionar com os outros e nem fará parte da luta por uma sociedade inclusiva.

As famílias de pessoas com deficiência, não pode se calar, se esconder, devem cobrar do Estado os direitos que lhe são concedidos por uma legislação, além de participar de decisões dos governantes que afetam situações de sua vida diária, além de ser os principais agentes para lutar por melhores condições de vida pelo seu filho e conseqüentemente pelo resto da família.

É importante que os pais deixem e incentivem os seus filhos a brincarem com outras crianças, a passear, namorar, trabalhar, se divertir, se

decepcionar, viajar, amar, sonhar, praticar esporte, casar, enfim vivenciar situações comuns, vividas por todos os seres humanos.

1. Visite diversos programas e ouça pontos de vista diferentes.
2. Encontre-se com adultos e com crianças surdas para se livrar dos preconceitos que possa ter.
3. Encontre outros pais, especialmente aqueles que tenham filhos surdos mais velhos.
4. Detectar vocalizações ininteligíveis.
5. Considere se quaisquer experiências desagradáveis que você possa ter tido na infância estão influenciando a sua decisão.

**Tabela 2.** Recomendações para escolher um programa de reabilitação.

**Fonte:** Freeman; Carbin; Boese (1999, p. 111).

Diante destas recomendações e as dificuldades que os pais de crianças surdas têm que enfrentar, surge uma dúvida será que os mesmos desejam ter outro filho?

## 2 EDUCAÇÃO DO SURDO

### 2.1 Processo de ensino

Para ensinar o aluno surdo é preciso compreender quem é esse ser e quais as características que o tornam diferente dos demais alunos na sala. O ideal é que o aluno adquira primeiro a linguagem de sinais e depois o português, porque isso facilita a compreensão.

A inclusão do aluno surdo na sala de aula regular é importante, porém é um desafio, tanto para o professor, aluno e sua família.

A Língua de Sinais, além de assegurar as pessoas surdas como indivíduos na sociedade e como participantes ativos com direitos e deveres, possibilitam uma ampliação do conhecimento socialmente construído, além de colaborar para que os contextos escolares e sociais se modifiquem e se abram para a inclusão do surdo.

A educação de surdos é um assunto polêmico, devido à falta de uma política educacional que atenda às especificidades deste tipo de deficiência, não só a auditiva, mas outras também. Não se trata de acabar com a educação especial, mas sim se ter um sistema de ensino com o princípio de que todos os seres humanos possuem os mesmos direitos.

As propostas pedagógicas direcionadas ao aluno surdo muitas vezes fica só na teoria, pois na maioria das instituições de ensino não se tem professores qualificados, o que dificulta muito uma aprendizagem com resultados satisfatórios.

A dificuldade na formação do surdo não é a deficiência, e seus problemas biológicos, mas o meio social em que se encontra inserido, o qual impede a apropriação de sua língua materna e de sua cultura.

Por meio da língua de sinais (LIBRAS), o aluno poderá constituir seu pensamento e sua consciência, habilitando o mesmo a adquirir posteriormente a Língua Portuguesa.

Nosso sistema educacional precisa de currículos e programas com objetivo de uma educação de qualidade para todos, inclusive os alunos tidos como “especiais”.

Para ensinar o professor precisa, compreender quem é o aluno surdo, quais suas características e limitações que o tornam diferente dos demais, desta forma identificará que maneira será melhor para atuar, porém é necessário que o professor seja qualificado, uma vez que terá subsídios para superar os obstáculos que não serão fáceis, pois a integração do aluno surdo no ensino regular é um desafio.

O aprendizado do português para os surdos será como uma língua estrangeira exigirá metodologias próprias de ensino, já a LIBRAS como língua materna será mais fácil para o aluno, desde que ele seja usuário da mesma, mas por outro lado o professor não tendo o conhecimento desta língua não acontecerá aprendizagem nenhuma.

O fato do professor não estar preparado para receber o aluno surdo é a nossa realidade e acontece muito nas escolas de ensino regular, o professor ao se deparar com esse tipo de aluno, muitas vezes tem concepções equivocadas a respeito da surdez o que atrapalha o processo ensino-aprendizagem e se cria uma imagem depreciativa do surdo.

Sendo assim, é necessária uma intervenção a partir da formação de professores, destacamos o curso de Pedagogia e licenciaturas, que deve se atentar para a realidade de uma educação inclusiva para surdos, na perspectiva da multiculturalidade de que se impõe como um desafio.

A inclusão da LIBRAS como disciplina curricular é um assunto polêmico que gera desdobramentos em várias vertentes com diferentes conseqüências. As propostas educacionais para surdo como vimos antes visa o desenvolvimento pleno de suas capacidades, contudo não é o que acontece na prática.

Mas, nós educadores devemos proporcionar aos nossos alunos, bem-estar, integração igualitária e oferecer aos portadores de deficiência auditiva modos e condições de vida cotidiana os mais parecidos possíveis às formas e modos de vida do resto da sociedade ouvinte. Sendo assim o professor pode contar com estratégias de ensino para o processo de ensino de alunos surdos incluídos em turma comum, são elas:

<b>Estratégia</b>	<b>Finalidade</b>
1. Utilizar a linguagem de sinais, gestos, dramatização, desenhos etc.	Facilitar a compreensão dos textos
2. Falar se movimentar muito a cabeça ou corpo,	Para que o aluno registre a leitura da fala.
3. Organizar espaços produtivos.	Permitir ao aluno desenvolver a criatividade, ludicidade, autonomia, memorização, raciocínio lógico e socialização.
4. Empregar glossários ou listas de palavras que estarão incluídas nas atividades.	Compreensão do conteúdo.
5. Alternar atividades verbais com as motoras.	Diminuir o cansaço causado pela atenção visual.

**Tabela 3.** Estratégias de ensino mediadoras para o processo de ensino de alunos surdos incluídos em turma comum.

**Fonte:** Glat (2007, p. 111).

Quanto a interação entre alunos:

<b>Estratégia</b>	<b>Finalidade</b>
1. Designar um colega de classe.	Assegurar que a criança surda tenha aprendido fazendo o repetir o que foi dito.
2. Organizar as mesas em duplas ou quartetos.	Favorecer a comunicação entre os mesmos durante as atividades.
3. Atividades em grupos.	Estimular a cooperação e a comunidade entre os alunos.

**Tabela 4.** Estratégias de ensino mediadoras para o processo de ensino quanto a interação entre alunos.

**Fonte:** Glat (2007, p. 112).

As estratégias apontadas por Glat (2007) auxiliam os professores alcançarem êxito no processo ensino-aprendizagem.

A inclusão é uma novidade educacional, que propõe a abertura das escolas normais para aceitarem pessoas com alguma diferença que apresenta em comparação com a maioria da população, significativas diferenças como intelectuais, físicas e sensoriais.

Percebemos que as escolas estão longe, de se tornarem inclusivas:

Uma escola inclusiva se caracteriza por aceitar, respeitar e valorizar alunos com diferentes características: meninos, meninas, altos e baixos, gordos e magros, pobres e ricos, negros, brancos, índios, surdos, em cadeira de rodas, usando lupa, usando calçado ortopédico, usando aparelho no ouvido, com doença crônica, católicos, protestantes, evangélicos e outros. É uma escola construída sob o princípio da educação como direito de todos os cidadãos. É um objetivo a ser alcançado pela luta por uma escola pública gratuita e de qualidade (PAULA, 2007, p.10).

O que predomina em geral são escolas regulares que desenvolvem projetos de inclusão parcial, ou seja, em espaços semi ou totalmente segregados.

Para que possamos compreender o que a inclusão representa na educação escolar do aluno surdo, é necessário conhecer o que as escolas que adotam o paradigma inclusivo defendem, priorizam e o que foi preciso alterar para alcançar êxito.

As escolas que não aceitam alunos surdos em turmas de ensino regular justificam, muitas vezes pelo despreparo dos seus professores para atender alunos com deficiência auditiva ou por acreditarem que a inclusão acentua mais a exclusão.

Sendo assim, podemos constatar a necessidade de se redefinir e de se colocar em ação para mudar esses obstáculos que atrapalham a inclusão e propor práticas pedagógicas que favoreçam a todos os alunos, os tidos normais e os deficientes.

A inserção de alunos com necessidades educacionais especiais, no ensino regular é uma forma de tornar a nossa sociedade realmente democrática e para isso é tarefa de todos colaborarem para essa transformação das escolas em

espaço de inclusão. Entretanto é necessário avaliar muito bem a proposta, ou melhor, a maneira que se desenvolverá a inclusão para que o aluno surdo não seja prejudicado no processo ensino-aprendizagem.

A inclusão não é impossível, essa palavra é uma expressão lingüística e física de um processo histórico que se for pensar em seu real objetivo, percebe-se que ainda não existe em nossas escolas e nem será implantada da noite para o dia, porque assim como nós outras pessoas lutam para se concretizar as leis que estão no papel, que diz os direitos do aluno surdo.

Cabe, portanto, aos que possuem consciência destas leis, colaborarem para que elas sejam divulgadas e acima de tudo colocadas em práticas, pois assim teremos um mundo cada vez mais justo, democrático e sem preconceito, porque no contexto escolar, profissional, familiar, os principais obstáculos têm como origem o preconceito, a falta de informação sobre as limitações do surdo e a intolerância de não compreender sua forma de se comunicar.

O preconceito em relação à inclusão poderá ser excluído ou reduzido a sua intensidade através das ações de sensibilização da nossa sociedade, pois mediante a convivência com a diversidade humana se alcançará uma eficácia da educação inclusiva e conseqüentemente bons resultados no sentido da valorização das diferenças individuais.

O reconhecimento dos níveis de deficiência auditiva (surdez leve, surdez moderada, surdez severa e surdez profunda) proporciona a instituição de ensino um planejamento educacional que corresponda às condições reais do aluno surdo, lembrando também que a atitude do professor; no sentido de não rejeitar o aluno e ao mesmo tempo não manifestar uma superproteção, auxilia no processo ensino-aprendizagem.

Uma das maiores aflições vividas pela família que tem um filho surdo é o início de sua escolaridade. A rigor, os pais desconhecem seus direitos, quanto à educação de seus filhos, pois não possuem informações para poder argumentar quando a escola e a sociedade não querem aceitar o seu filho.



1. Aprenda sobre as pessoas surdas e seus sucessos.
2. Trazer pessoas surdas para o convívio com seu filho, como amigos, convidados, babás etc.
3. Visite clubes de surdos, igrejas, convenções, eventos esportivos e outros.
4. Insista em sua escola ou pré-escola, para que contrate professores e profissionais surdos qualificados.
5. Entre para uma organização de pais.
6. Convide oradores surdos para discutir preparação para carreiras.
7. Obtenha lista de livros.
8. Melhore sua língua de sinais.
9. Fazer uso de ajudas técnicas.

**Tabela 5.** Sugestões específicas para o envolvimento na cultura surda.

**Fonte:** Freeman; Carbin; Boese (1999, p. 227-228)

Com relação à sugestão 9 da tabela acima, vamos especificar agora em uma nova tabela para auxiliar no entendimento de como desenvolver um trabalho com as crianças surdas.

Nome	Especificações
Telefone	A mensagem recebida pode ser impressa em papel ou aparecer num visor luminoso, similar ao de uma calculadora eletrônica.
Despertadores	Um rádio-relógio ou alarme eletrônico que pisca ou ativa o vibrador.
Campainha de Porta	Conectada a um aparelho que faz as luzes da casa piscar
Detector de choro de Bebê	Um microfone no quarto do bebê converte o choro em luz ou em vibrações
Detectores de Fumaça, Alarmes contra Ladrões.	Dispositivos de alerta para captar fumaça e detectar arrombamentos podem ser adicionados a alarmes padronizados luminosos ou vibratórios
Filmes Legendados	Auxiliam na compreensão
Animais de Estimação	Eles podem alertar se há alguém à porta e podem trazer muito mais, mediante treinamento especial.

**Tabela 6.** Ajudas técnicas.

**Fonte:** Baseado em Freeman; Carbin; Boese (1999, p. 320-325)

Mais acima vimos sugestões específicas para o envolvimento na cultura surda, técnicas e equipamentos para reduzir os problemas práticos na vida cotidiana das pessoas com deficiência auditiva. Na concepção de uma escola

inclusiva, Paula (2007) cita características que determinam se a escola é ou não inclusiva.

1. Há diversidades de alunos; 2. O espaço físico é adequado para qualquer tipo de deficiência; 3. Instalações previstas em leis para garantir melhor locomoção; 4. Recursos e equipamentos específicos para atender necessidades educacionais, como: Kit para o deficiente visual, mapas e livros em braile, dicionários de Língua de Sinais, carteiras adaptadas etc; 5. A instituição oferece capacitação aos professores de classes comuns; 6. Tem sala de recursos com professor especializado; 7. Oferece condições de participação da família e comunidade (p. 17,18,19).

Segundo Damázio (2007) o atendimento educacional para os alunos com surdez dentro de uma proposta inclusiva destacam-se em três momentos didático-pedagógicos:

1. Momento do Atendimento Educacional Especializado em Libras na escola comum: realizado todos os dias, se possível melhor que seja um professor surdo e se destina a crianças surdas em horário oposto das aulas regulares, utiliza muitas imagens visuais. Esse atendimento “fornece a base conceitual dessa língua e do conteúdo curricular estudado na sala de aula comum”.

2. Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino de Libras na escola comum: consiste nas aulas de LIBRAS, desenvolvidas pelo professor e/ou instrutor de LIBRAS se possível também surdo. O atendimento parte do diagnóstico da criança e ocorrem todos os dias em horário oposto das aulas regulares.

3. Momento do Atendimento Educacional Especializado para o ensino da Língua Portuguesa: também realizado todos os dias, para as crianças surdas, fora da sala regular, em horário contrário. Na sala de recursos “multifuncionais”, o professor de português tem como objetivo de capacitar os alunos a “gerar seqüências lingüísticas bem formadas”. A equipe é formada pelo professor de LIBRAS e o da sala regular. O aluno surdo aprende os “significados das palavras, como se dá a organização delas nas frases e textos de diferentes contextos”. Para

atingir esse aprendizado o professor precisa de materiais diversificados, recursos visuais, acervo textual em português, além de ser dinâmico e criativo.

Enfim é um desafio que exige um trabalho em conjunto, visando o mesmo objetivo, que consiste na alfabetização do aluno surdo, conseqüentemente sua inserção na sociedade. Para alcançar esta conquista, o surdo conta também com a colaboração do intérprete:

O reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais, em abril de 2002, e sua recente regulamentação, conforme decreto nº 5.626,22 de dezembro de 2005, legitimam a atuação e a formação profissional de tradutores e intérpretes de LIBRAS e Língua Portuguesa. Garante ainda a obrigatoriedade do ensino de LIBRAS na educação básica e no ensino superior, cursos de licenciatura e de Fonoaudiologia e regulamenta a formação de professores da LIBRAS, o que abre um amplo espaço, nunca antes alcançado, para a discussão sobre a educação das pessoas com surdez, suas formas de ocorrência e socialização. Nesse contexto, a formação profissional dos tradutores e intérpretes de LIBRAS e de Língua Portuguesa torna-se cada vez mais valorizada, pois a presença destes profissionais é fundamental para a inserção das pessoas com surdez, que são usuárias da Língua de Sinais (SILVA, 2007 pp.49).

## **2.2 Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES)**

No dia 15 de outubro de 2009 as 9 h da manhã Dia do Professor, fomos presenteadas com uma visita ao Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES) que foi fundado no dia 15 de agosto de 1959, pelo casal Rosalina e Odésio Franciscon, juntamente com um grupo de dez pessoas da comunidade, entre elas o Bispo de Londrina, Dom Geraldo Fernandes. A Professora Rosalina e o Professor Odésio foram escolhidos como Diretora e Presidente da Instituição.

Fomos recebidas pela coordenadora pedagógica do Instituto, ela faz parte do quadro de profissionais há trinta anos, muito atenciosa ela nos mostrou a estrutura física, convidou para participar da homenagem para o Dia dos Professores

e nos contou um pouco sobre a trajetória do Instituto que no mês de agosto deste ano corrente completou 50 anos:

O ILES é obra pioneira em educação de surdos no norte do Paraná. Funcionou, inicialmente, no então Grupo Escolar Benjamin Constant, hoje Colégio Estadual Benjamin Constant, que tinha como Diretora a Professora Rosalina, e onde estudava o aluno José Carlos de Castro Costa, que era surdo e motivou a criação do ILES. O professor Benedicto João Cordeiro, então Delegado Regional de Ensino, orientou a Diretora e, com cinco alunos, o ILES iniciou suas atividades. A luta foi árdua. Com trabalho, persistência e apoio de pessoas da comunidade londrinense, em 1º de agosto de 1969, o ILES transferiu-se para o prédio próprio, onde permanece em atividade até hoje, em dois blocos, o segundo foi construído em 1978. Neste mesmo ano foi construída também a quadra poliesportiva, e em 1981 um parque infantil. O Instituto localiza-se na Rua Madre Tonina Ugolini, 35, no Bairro Boa Vista (a denominação do logradouro é uma homenagem póstuma à religiosa italiana que dedicou sua vida aos surdos e que, por muitos anos, trabalhou no ILES). Graças a vinda de Madre Tonina, Irmã Gilia Di Renzo e Irmã Assunta Da Dalt, Irmãs da Pequena Missão para Surdos da Itália, em 1973 o ILES começou a contar com assistência técnica, pedagógica e religiosa. Até 1979, a Instituição ofereceu atendimento a Educação Infantil e Ensino Fundamental. Em 1980, iniciou o atendimento da 5ª e, em 1983, uma turma conclui a 8ª série do Ensino Fundamental. Em 1998 conseguiu implantar o Ensino Médio, curso há anos reivindicado por alunos, ex-alunos e comunidade. Em 2001 foi inaugurado o Centro Audiológico Professora Rosalina Lopes Franciscão. O casal fundador do ILES recebeu o título "Comenda Penhor da Graça e Favores Celestiais" do Papa João Paulo II, em 08 de julho de 1984, e também o título de "Cidadão Honorário de Londrina", outorgado pela Câmara Municipal de Londrina. O professor Odésio em 1989 e a Professora Rosalina em 14 de agosto de 1992 e, nesse mesmo dia, o ILES recebeu a honrosa "Comenda Ouro Verde".

No ILES os alunos se sentem iguais, capacitados para realizar atividades rotineiras, de modo que percebam que são aceitos pelos profissionais como pessoa e que estão ali para desenvolverem um trabalho multidisciplinar com o intuito de sua inserção no convívio social.

O ILES oferece educação básica na modalidade de Educação Especial, exclusivamente para alunos surdos, seguindo as normas pedagógicas e diretrizes curriculares estaduais, através de uma proposta de educação bilíngüe (LIBRAS como primeira língua e Língua Portuguesa como segunda), além de oferecer também atividades extracurriculares como: dança, coral das mãos, oficina de redação e leitura; curso de informática para alunos, curso de LIBRAS, nos níveis básico, intermediário e avançado para a comunidade em geral. O colégio

desenvolve ainda o Projeto Viva Escola, que abrange atividades esportivas e contação de histórias de literatura infantil em LIBRAS.

A respeito da educação bilíngüe (LIBRAS e Português), entendemos que para as pessoas surdas se desenvolvem de maneira diferente de quando vai se ensinar uma segunda língua para estrangeiro (por exemplo, o português), devido à dificuldade que o surdo não ouve a língua, ele explora o visual, sendo assim uma barreira que dificulta para os profissionais na hora de ensinar.

Perguntamos a respeito do atendimento educacional, a coordenadora pedagógica, nos levou para ver uma sala de aula.



**Figura 1.** Sala de aula.

O atendimento tem início na Educação Infantil, faixa etária de 0 a 6 anos, prosseguindo com o Ensino Fundamental e Médio. Atende também alguns alunos com dupla deficiência (surdez e deficiência mental). Seus professores possuem curso superior nas áreas do magistério, pós-graduação em Educação Especial e domínio em LIBRAS.

O ambiente é bem acolhedor, percebemos a movimentação dos alunos, o cuidado com a limpeza, trabalhos expostos nas paredes de conteúdos que nunca imaginamos que eles dominassem, a euforia no momento da homenagem para os professores, foi necessário chamar a atenção de alguns, nos sentimos como estrangeiros no meio deles, porque havia um grupo de adolescentes atrás de nós, e eles faziam gestos, davam risadas, alguns murmuravam, ficamos pensando será que estão falando de nós? É uma sensação que acreditamos que eles sentem o mesmo no meio dos ouvintes.

A estrutura física do colégio é adequada a necessidade de seus alunos, conta com materiais didáticos adaptados a LIBRAS, tecnologia através de televisores, pen-drive em cada sala de aula, laboratório de informática com 24 terminais, laboratórios de química e física.





**Figura 2.** Biblioteca.

O Centro Auditológico Professora Rosalina Lopes Franciscão presta serviços de alta complexidade a alunos e pessoas de vinte e dois municípios da 17ª Regional de Saúde, por meio de convênio com o SUS (Sistema Único de Saúde) e outros. Repassa próteses auditivas as pessoas surdas, realizando todos os procedimentos necessários para uma boa adaptação, além de desenvolverem um trabalho com as famílias no momento do diagnóstico de surdez e aceitação do filho surdo. O quadro profissional conta com: terapeuta ocupacional, fisioterapeuta,

dentista, neuropediatra, otorrinolaringologista, assistente social, psicóloga e fonoaudiólogas.

É referência para o diagnóstico, tratamento e reabilitação de perda auditiva em crianças, desde o nascimento, adultos e pacientes com patologias associadas, sejam neurológicas, psicológicas, síndrome genéticas, cegueira, visão subnormal e perdas auditivas. Realizam também o Teste da Orelhinha para recém-nascidos, na Maternidade Municipal de Londrina. (foi iniciativa do ILES a Lei Municipal que tornou obrigatório o teste em recém-nascidos em Londrina).

Ao perguntarmos para a coordenadora pedagógica a respeito da inclusão ela nos respondeu: “*Achar um absurdo*” e comentou que muitos alunos saíram do Instituto para ir para o ensino regular, não se adaptando, voltando para a instituição apresentando dificuldades na retomada. Ela ainda acrescentou que “*Não adianta por intérprete na sala, a inclusão acontece verdadeiramente quando se respeita à diferença*”.

Esta fala da coordenação, nos leva a uma reflexão: Será que essa coordenadora pedagógica tem razão? Nossas escolas públicas não têm infraestrutura, profissionais competentes, espaço e materiais adequados para atender a demanda de alunos tidos “normais”, como delegar mais essa responsabilidade de ensinar alunos que requer necessidades especiais? É descabida essa concepção dos governantes? Seria possível se tudo o que a teoria da inclusão traz em seu bojo fosse colocada em prática.

Vale ressaltar que se o ILES nesses 50 anos busca um aperfeiçoamento constante para o atendimento com o surdo, como de uma hora para outra inserir crianças com deficiências no ensino regular? Fica a questão para que todos reflitam e formem sua própria opinião a respeito.

Para um auxílio nesta reflexão por indicação da coordenadora pedagógica do ILES se faz necessário a leitura da pesquisa de Capovilla



(APÊNDICE A), onde este autor conclui que os alunos surdos de escolas especiais têm melhor desempenho.

### 3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS

A visita ao ILES e a fala da coordenação nos leva há muitas indagações que somados aos relatos e as falas das pessoas entrevistadas nos orienta para a complexidade da educação dos sujeitos surdos.

#### 3.1 Relatos

Palavras da mãe de uma criança surda:

*“Luto e vou lutar até o fim para que meu filho consiga conviver com ouvintes sem maiores problemas. Sempre buscamos a inclusão do João Pedro. Quanto à parte emocional este é um diagnóstico que ninguém quer ouvir, mas não é uma sentença de morte. É somente uma limitação. Quem não tem limitações? A sociedade estabeleceu um padrão de pessoa normal, mas quem é normal? Qual é a definição de uma pessoa normal? Não vemos nosso filho como diferente, mas as pessoas de um modo geral vêem. Acham que são pessoas incapazes e coitadinhas. Nosso maior dilema sempre foi saber se estávamos trabalhando com o João Pedro de forma correta. Como tivemos diversas decepções com escolas e profissionais que trabalharam com ele. Estamos sempre nos questionando quando vai dar certo e qual é o melhor caminho. Buscamos todos os apoios, desde tratamentos em Bauru, psicólogos, fonoaudiólogos, audiologistas, tudo que tivemos condições, mas ainda não chegamos a um bom resultado. Também cada caso tem que ser trabalhado de forma diferente. O João Pedro nunca gostou muito de aprender. O negócio dele é assistir TV, game e passear. No Hugo Simas eu conheci jovens com o mesmo problema dele que estão acompanhando regularmente as aulas, com vocalização muito boa. Esperamos que ele aprenda a gostar de aprender e se desenvolva.”*

Pelo relato desta mãe percebemos a luta constante pela inserção de seu filho na sociedade de ouvintes e, como ela, a uma infinidade de mães que passam pelo mesmo dilema:

*“Como pai, tomar a decisão correta sobre o futuro de seu filho é um passo importante, mas é apenas um início. A escolha de um programa certo de reabilitação ou de uma escola, não livra você de outras responsabilidades. Não importa que método você acabe por*

acreditar ser o melhor para se comunicar com seu filho, uma quantidade considerável de esforços, de sua parte e de seu filho, ainda será necessária” (FREEMAN, CARBIN, BOESE 1999, pp.110).

Perguntamos para uma mãe que adotou uma criança surda se ela teria um outro filho e, ela nos respondeu:

*“Teria sim, desde que não precisasse trabalhar tanto. No começo o trabalho foi para livrar as despesas com ele, mas agora já posso parar um pouco, porém já não tenho mais aquele ânimo e força de onze anos atrás, quando o adotei. Se eu trabalhasse menos teria adotado pelo menos mais um para ser companheiro do João Pedro e ajudá-lo no futuro”.*

Pelas palavras desta mãe notamos sua preocupação com o futuro de seu filho e desencadeia-nos uma dúvida se a preocupação seria pelo fato da surdez ou por outros motivos?

A seguir um breve relato da vida de um adulto surdo:

*“Nasci ouvinte e sempre tive problemas em entender as palavras, muito erro na compreensão das palavras com sílabas parecidas na fonação. somente aos 11 anos é que percebi também a família percebeu o problema de surdez o que foi um processo de decomposição muito rápido (2 anos) aos 13 anos estava completamente surdo, isso devido a mudanças radicais na forma de vida(zona rural X cidade), uma gripe muito forte e crise nervosa. Mas os médicos nunca conseguiram detectar o real causa, o problema da baixa visão é atrofia do nervo ótico, com certeza o problema da audição é o mesmo. Sobre a alfabetização, diante dessa dificuldade em entender, aprendi o português e sempre estudei em escolas regulares, nunca tive interprete em sala de aula, mesmo na faculdade. Enfrentei tudo com o apoio dos professores que foi pouco e doa colegas que foi muito. durante o Ensino Médio fui discriminado por professores e colegas de forma ridícula, mas nunca desisti. Na faculdade de Letras as dificuldades não foram diferentes, mas superei tudo. Hj estou cursando Letras Libras A distancia na UFSc ultimo período e também Pos graduação em Linguística na Universidade Gama Filho, também a distancia. Sou coordenador da Pastoral dos Surdos na Arquidiocese de Londrina há 8 anos e da Província de Londrina há 6 anos, atualmente sou presidente do Conselho Municipal dos Direitos da Pessoa com Deficiência de Londrina. Entrei em contato com a comunidade surda com 31 anos e comecei a aprender LIBRAS aos 33 anos, sou professor de LIBRAS para ouvintes e surdos há 5 anos com certificação da FENEIS e do MEC, conclui a faculdade de Letras Anglo em 2008”.*

Pelo trecho percebemos que esse adulto estudou primeiro o português, mas como ele mesmo disse enfrentou muitas dificuldades, porém não desistiu e, hoje, pelo resumo que fez da sua vida, notamos que ele luta contra as barreiras do preconceito e nem por isso deixou de estudar, exemplo que deveria ser seguido por mais pessoas. Ao se deparar com o breve relato que está na íntegra e, que ele mesmo escreveu é nítida a diferença da escrita, porém ele consegue transmitir sua mensagem, além de nos deixar um belo exemplo de perseverança, nos levando a pensar na postura das pessoas, inclusive de professores que o “ridicularizaram”.

Como vemos, os relatos evidenciam a importância do ensino de LIBRAS, mas por outro lado, da dificuldade de se aprender a mesma e, no caso destas pessoas, não tinham o domínio da mesma.

### 3.2 Entrevistas

**Sujeito 1.** *Em LIBRAS, pois eu entendo que a criança com perda total não tem outra forma de aprender, mesmo porquê, hoje eu vejo que se o João Pedro tivesse aprendido esta língua em conjunto com a oral, ele teria tido um aproveitamento maior.*

**Sujeito 2.** *Creio que deveria ser em LIBRAS, já que é a língua que ele entenderia melhor, pelo fato de ser através de sinais.*

**Sujeito 3.** *.Em LIBRAS.A primeira língua do surdo e a segunda o português.*

**Sujeito 4.** *Acho que para eles é mais fácil a alfabetização em LIBRAS, pois encontram muita dificuldade no português, é mais difícil para eles acompanharem.Mas é interessante também que eles aprendam o português.*

**Quadro 1.** Alfabetização de surdo em Libras ou Português.

Como vimos no Quadro 1 todos acreditam que a alfabetização deve ser em LIBRAS, mas no entanto, nenhum possui a habilidade de LIBRAS, ou seja, é um quadro divergente com a realidade em questão.

**Sujeito 1.** *Se a criança não ouve nada, ela irá sempre precisar de LIBRAS para acompanhamento, mas eu entendo que ela não poderá viver isolada de crianças ouvintes porque estará limitada a este círculo de amizades. O que precisamos aqui no Brasil, que já acontece em países mais desenvolvidos, é ter um projeto adequado de INCLUSÃO, onde o governo dê suporte para as escolas e alunos poderem trabalhar. Já temos legislação pertinente sobre este assunto, mas ainda está muito na teoria.*

**Sujeito 2.** *Sim. Desde que tenha um intérprete para acompanhá-lo.*

**Sujeito 3.** *Sim. Assim como as pessoas com déficit intelectual tem direitos iguais. As escolas tem que ser adaptadas para as diferenças.*

**Sujeito 4.** *Claro. Eles precisam interagir com outras pessoas que não tem o mesmo problema, é necessária essa adaptação.*

**Quadro 2.** Inclusão do surdo em sala de ouvinte.

Diante das respostas do Quadro 2 todos concordam que a inclusão é necessária, porém nos moldes da teoria, em outra oportunidade elaboraremos esta questão com intuito de discutir. Mas, indagamos quanto a necessidade de o aluno surdo ficar num Instituto especializado. Será melhor para este?

**Sujeito 1** *Libras é sua língua mãe.*

**Sujeito 2.** *LIBRAS.*

**Sujeito3.** *LIBRAS. Para eles é muito difícil entender e expressar o português.*

**Sujeito 4.** *LIBRAS.*

**Quadro 3.** Língua oficial dos surdos.

Neste Quadro 3 notamos que todos sabem que a língua oficial é a LIBRAS e, se perguntássemos, você teve essa língua no seu processo de formação, acreditamos que nos surpreenderíamos com a unanimidade da resposta: não.

**Sujeito 1.** *Não posso responder pelos outros, até porque já tive contato com diversas pessoas que não admitem a inclusão de surdos em salas de ouvintes, mas eu não quero que meu filho fique limitado a um grupo de pessoas que conseguem entendê-lo. Quantas pessoas conhecem Libras? É fácil para um surdo sair nas ruas e se comunicar com ouvintes através de Libras? Sempre que saímos com nosso filho, percebemos à volta que as pessoas têm PRECONCEITO, isso porque ele ainda se comunica um pouco. Ele já deixou de ser atendido em lanchonete pelo simples fato de que a pessoa não parou para tentar entender o que ele estava pedindo. E se ele estivesse fazendo isso somente com LIBRAS, como seria? Eu acho que eles precisam aprender LIBRAS, mas precisam também conhecer o resto do mundo com outros olhos. Nós ouvintes, não aprendemos também outras línguas, ou pelo menos tentamos “nos virar” para nos comunicar com estrangeiros? Eu entendo que com o surdo é a mesma coisa: ele aprende LIBRAS, entra em um BOM PROJETO de INCLUSÃO e começa a se adaptar, criando mecanismos próprios para conviver com os ouvintes. Já conheci pessoas que trabalham com surdos que me disseram o seguinte: “o surdo tem seu mundo e precisa conviver com surdos. Não adianta colocá-los com ouvinte porque eles mesmos não se sentirão à vontade”. Eu não acho esta posição correta.*

**Sujeito 2.** *Por pensar que ele possa ter contato com outras línguas, ajudando assim no seu desenvolvimento.*

**Sujeito 3.** *Vergonha e preconceito. Acreditam que a estimulação da alfabetização em português contribuirá para o seu desenvolvimento e facilitará o seu próprio convívio social, porém é muito sacrificante para eles.*

**Sujeito 4.** *Uma família quer que o filho se sinta igual as demais pessoas, aprendendo assim o português como os demais, acreditando assim que ele estará mais interagido com o meio.*

Quadro 4 O que leva uma família a não querer que o filho fique restrito a LIBRAS

O Quadro 4 traz posicionamentos diferentes, entretanto, aponta questionamentos a serem refletidos e, também, percebemos que a LIBRAS deveria ser utilizada pelo mundo inteiro. Um bom trabalho deveria ser desenvolvido na sociedade para esclarecer o conceito de inclusão, os surdos podem sim conviver com ouvintes e que o surdo é um ser humano como outro, porém com algumas limitações.

Analisando este último quadro e pensando na deficiência mental, deficiência auditiva, deficiência visual, deficiência física e deficiência múltipla é algo muito complexo pensar numa maneira que todos sejam incluídos em todos os sentidos no mundo em que vivemos, é um problema difícil de se resolver, mas elucidamos a importância de se buscar um estudo mais aprofundado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Infelizmente nem todas as pessoas surdas foram ou estão em processo de alfabetização, uma vez em que seus direitos são ignorados ou porque a família desacredita nessa possibilidade. Além do mais alguns defendem a inclusão do aluno surdo no ensino regular, mas na prática a atitude de muitos é de exclusão.

O medo do novo, do desconhecido é uma reação da maioria dos educadores, por que a origem deste sentimento, vem lá da formação acadêmica a qual não os habilitou para atuar com a diversidade.

Em relação a esse panorama é necessário uma luta que envolva surdo, família, instituição e sociedade que defenda a alfabetização do surdo de maneira que realmente ele seja alfabetizado e não mais um número de aluno matriculado.

A inclusão é um desafio, mas devemos se remeter ao que diz a canção de Lulu Santos, apresentada na Campanha do Governo “Iguais na Diferença”.

“Eu não sou diferente de ninguém  
Quase todo mundo faz assim  
Eu me viro bem melhor  
Quando tá mais pra bom que pra ruim

Não quero causar impacto  
Nem tampouco sensação  
O que eu digo é muito exato  
E o que cabe na canção

Qualquer um que ouve entende  
Não precisa explicação  
E se for pensar um pouco  
Vai me dar toda razão

A senhora, a senhorita e também o cidadão  
Todo mundo que se preza  
Nega fogo não

Eu não sei viver sem ter carinho  
É a minha condição  
Eu não sei viver triste e sozinho  
É a minha condição  
Eu não sei viver preso ou fugindo”

Em suma, a alfabetização do surdo deve ser concomitante a LIBRAS e o português, porque, com a LIBRAS o aluno aprende a se comunicar, já o português serve para ele interpretar o mundo fora do ambiente só de pessoas surdas.

Conhecendo o Instituto Londrinense de Educação de Surdos (ILES), admiramos o objetivo, que é formar cidadãos que conseguem transformar sua realidade, além de propiciar ao surdo, ânimo para não desistir e levantar sua auto-estima.

A pesquisa desenvolvida aconteceu em nossa vida num momento tumultuado de problemas, porém é um projeto inicial, que nos fez sentir realizadas e, ainda mais realizadas se esta pesquisa provocar nos leitores o desejo de querer buscar um maior conhecimento na área, um maior aprofundamento, bem como buscar aperfeiçoá-la. Mesmo diante desta turbulência que enfrentamos demos nosso melhor, pois o tema é algo que nos instiga, desafia e incomoda.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Especial Deficiência Auditiva/organizado por Giuseppe Rinaldi. **Programa de capacitação de recursos humanos do ensino fundamental: deficiência auditiva**. Vol I. Série Atualidades Pedagógicas, Brasília: SEESP, 1997.

DAMÁZIO, M. Atendimento Educacional Especializado. In: SILVA, Alessandra da. **Deficiência auditiva**/Alessandra da Silva,Cristiane Vieira de Paiva Lima,Mirlene Ferreira Macedo Damázio.São Paulo:MEC/SEESP, 2007.

FREEMAN, ROGER D. **Seu filho não escuta?Um guia para todos que lidam com crianças surdas**/Roger. D.Freeman, Clifton F.Carbin, Robert J.Boese; tradução Vera Sarmento; revisão em língua portuguesa Rinaldo Mendes Sarmento; revisão técnica Daniela Richter Teixeira. Brasília: Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de Deficiência-CORDE, 1999.

GLAT,Rosana.**Educação Inclusiva:cultura e cotidiano escolar**.Rio de Janeiro:7 Letras, 2007.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. A linguagem escrita de alunos surdos e a comunicação bimodal. 1994. 185 f. Tese (Livre-Docência em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

VYGOTSKY, L. S. Fondamenti di Difettologia . Roma: Bulzoni, 1986.

PAULA, Ana Rita de; COSTA, Carmen Martini .**A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**/ Brasília:Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

S Á.NÍDIA REGINA LIMEIRA DE. **Cultura, poder e educação de surdos**. 3. ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2002.

SILVA, Alessandra da. **Deficiência auditiva**/Alessandra da Silva,Cristiane Vieira de Paiva Lima,Mirlene Ferreira Macedo Damázio.São Paulo:MEC/SEESP, 2007.

SANTOS Lulu.Condição. in: <http://letras.terra.com.br/lulu-santos/88040/> acesso em 16/10/2009 As 14:02h.

CAPOVILLA Fernando. In: <http://karinfeneis.blogspot.com/2009/08/comentario-de-fernando-capovilla.html> acesso em 15/10/2009 As 13:05h.

**ANEXOS**  
**ANEXO A**

IDENTIFICAÇÃO:

PROFISSÃO:.....

1-PARA VOCÊ A ALFABETIZAÇÃO DO SURDO DEVERIA SER EM LIBRAS OU EM PORTUGUÊS?

.....  
.....  
.....  
.....

2-VOCÊ CONCORDA QUE O SURDO SEJA INCLUÍDO EM SALA DE OUVINTE?

.....  
.....  
.....  
.....

3-QUAL É A LÍNGUA OFICIAL DOS SURDOS?

.....  
.....  
.....  
.....

4-O QUE LEVA UMA FAMÍLIA A NÃO QUERER QUE O FILHO FIQUE RESTRITO A LIBRAS?

.....  
.....  
.....  
.....

## APENDICE

### APÊNDICE A

Sexta-feira, 7 de Agosto de 2009

**Comentário de Fernando Capovilla**

Crianças surdas sendo prejudicadas pelas políticas educacionais

Por Hélder Lima Gusso, em 22 de maio de 2009

Segue mensagem do prof. Fernando Capovilla (USP) sobre a dramática situação do ensino de crianças surdas no país.

Enquanto a inclusão escolar está capenga, as crianças são as prejudicadas. Nem aquilo que funcionava é mantido por nossos governantes...

---

Prezados colegas,

As escolas públicas para surdos vêm sendo desativadas em todo o país, com enormes prejuízos para as crianças surdas, em especial aquelas cujas famílias não podem pagar por educação especializada.

Como as escolas comuns estão despreparadas para receber e educar essas crianças, elas tendem a fracassar de modo muito alarmante. Pesquisamos o desempenho de 8000 surdos de 15 estados brasileiros e descobrimos que eles aprendem melhor em escolas de surdos, as mesmas que vêm sendo fechadas. Se isso continuar, o futuro não será nada promissor para elas. Segue artigo sobre isso que acaba de ser publicado na Revista Patio, ano XIII, maio-julho 2009, número 50, pp, 24-25. Intitula-se: Avaliação escolar e políticas públicas de Educação para os alunos não ouvintes. A pesquisa rigorosa mostra que, enquanto as crianças com deficiência auditiva aprendem melhor sob inclusão em escolas comuns, as crianças surdas aprendem muito melhor em escolas para surdos, em que a comunicação e o ensino se dão na língua mais apropriada para elas.

Eu agradeceria muito se você pudesse ajudar a divulgar este fato a seus colegas educadores e a secretarias municipais e estaduais da educação, bem como a vereadores, deputados e senadores, na esperança de que esse fechamento de escolas para surdos e sua descaracterização como meras escolas comuns possam ser revertidos. Precisamos fazer com que nossas políticas públicas de educação passem a respeitar as necessidades especiais e as especificidades dos processos de aprendizagem das nossas crianças.

Agradeço a sua gentil atenção.

Abraços,

Fernando Capovilla

Avaliação escolar e políticas públicas de Educação para os alunos não ouvintes

Fernando C. Capovilla

Instituto de Psicologia, USP, Coordenador Pandesb filiado ao Observatório da Educação Inep-Capes

O aperfeiçoamento de políticas públicas em Educação depende da avaliação de seus efeitos sobre o desenvolvimento acadêmico e o rendimento escolar. Apesar de vir publicando relatórios bienais sobre o rendimento do alunado brasileiro desde 1995 no Saeb e, depois, na Prova Brasil, o Inep tem excluído a avaliação sistemática da Educação Especial, deixando a criança com deficiência à margem do processo e de seus benefícios. A Educação de Surdos não foge à regra: nunca foi

avaliada qualquer escola para surdos, nem avaliado qualquer aluno surdo assim identificado em regime de inclusão.

A ausência de caselas identificadoras de presença de deficiência e de seu tipo no Saeb e na Prova Brasil impede a constituição de base de dados sobre rendimento, inviabilizando a avaliação sistemática dos resultados de políticas que têm tido forte impacto sobre as vidas das crianças, como a de desativação de escolas específicas para surdos e a dispersão desses alunos em escolas comuns, quase nunca preparadas para inclusão ou mainstreaming eficaz.

Para ajuizar o efeito dessas políticas, o Programa de Avaliação Nacional do Desenvolvimento Escolar do Surdo Brasileiro (Pandesb) foi inaugurado na USP em 1999 com apoio de CNPq, Capes e Seesp, e encampado pelo Inep via Observatório da Educação em 2006. Na década 1999-2009, o Pandesb gerou bateria de 15 testes para mapear desenvolvimento de competências cognitivas e linguísticas cruciais ao rendimento escolar do surdo, e avaliou sistematicamente, durante 18 horas por aluno, mais de 8.000 surdos de 15 estados, de 1a. série do Ensino Fundamental até o Ensino Superior. O Pandesb produziu os parâmetros basais de desenvolvimento normal para cada série escolar numa série de competências como leitura alfabética (Capovilla & Capovilla, 2006; Capovilla, Capovilla, Mazza, Ameni, & Neves, 2006; Capovilla, Capovilla, Viggiano, Mauricio, Bidá, 2005; Capovilla & Mazza, 2008; Capovilla, Mazza, Ameni, Neves, & Capovilla, 2006; Capovilla & Raphael, 2004a, 2005b), leitura de textos (Capovilla & Raphael, 2005a), escrita alfabética (Capovilla & Ameni, 2008), leitura orofacial (Capovilla, Sousa-Sousa, Ameni, & Neves, 2008), e compreensão de sinais de Libras (Capovilla, Capovilla, Viggiano, & Bidá, 2004; Capovilla & Raphael, 2004b), e analisou sistematicamente a variação desses parâmetros como função das políticas.

Analisando os parâmetros como função da interação entre variáveis do educando, como grau (profunda, severa, moderada, leve) e idade de perda auditiva (pré-lingual, perilingual, pós-lingual) e variáveis do sistema de ensino, como tipo de escola (específica para surdos versus comum) e língua-veículo de ensino-aprendizagem (Libras e Português versus Português apenas), o Panbesb descobriu que a política de inclusão, embora benéfica ao deficiente auditivo, é nociva ao surdo, e que este se desenvolve mais e melhor em escolas específicas para surdos no caldo de cultura de Libras, e sob ensino e acompanhamento de professores proficientes em Libras, como veículo principal de ensino-aprendizagem do Português e de outras disciplinas.

Tal achado decorre da diferença crucial entre alunos surdos (cuja língua materna é Libras) e com eficiência auditiva (cuja língua materna é Português), e é ainda mais relevante quando se sabe que a quase totalidade dos alunos das escolas que vêm sendo desativadas é de alunos surdos, e não deficientes auditivos, pois que estes já vinham sendo incluídos normalmente, dada sua maior facilidade de alfabetizar-se e incluir-se por leitura orofacial e leitura-escrita alfabéticas. A desativação das escolas para surdos é desserviço, já que a criança surda aprende mais e melhor nelas.

Uma década de Pandesb revelou que o melhor modelo de Educação de Surdos consiste na articulação, em contra-turno, entre educação principal ministrada em Libras e Português escrito na escola específica para surdos (em presença de

colegas surdos e sob professor fluente em Libras) e educação complementar sob inclusão na escola comum. Mais detalhes em Capovilla (2008).

# Teste da Orelhinha

Por que tanto cuidado  
com a audição ?



HOSPITAL  
DA MULHER

LSB

# Alfabeto Manual

